V CBEO - Curitiba

V CBEO
Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais

V CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS
Curitiba-PR - Brasil

DA SEGURANÇA COMUM AO ESTEREÓTIPO SOCIAL - FRATURAS NA SOLIDARIEDADE DE UMA COMUNIDADE TRADICIONAL.

Cesar Renato Ferreira da Costa (Unicentro) - professorcesarrenato@hotmail.com
Professor efetivo do Departamento de Administração da Unicentro, Campus de Irati, Pesquisador Individual do Deadm/I, Membro do Grupo de Pesquisa Capital, Traballho e Lazer

Contextualização

Viver em comunidade pode representar, feita uma análise semântica mais estrita, uma forma social cuja solidariedade estabelece bases diferentes daquelas que caracterizam formas orientadas pelo paradigma dominante, capitalista, neoliberal e burocratizado, as quais se definem pelo acúmulo de capital, orientação para o mercado e eficiência técnica nos processos produtivos.

Comunidade, neste caso, compõe um significante orientado por características mais tradicionais, tais como as expressas por Weber (2002, 1996). A leitura weberiana por Bendix (1962), reflete que o conceito se define pelas diferenças nas relações de trabalho e autoridade, determinadas pela distinção entre "solidariedade de parentesco" e "solidariedade associada", a primeira característica de uma composição comunitária e a segunda com caráter mais amplo, de dimensão moderna.

Nesta realidade, expressa na modernidade, tendo em vista as relações socioeconômicas impostas à sociedade, tanto no que diz respeito a formação de compostos sociais urbanos e rurais, quanto nas pressões que seus atores sofrem, pode-se também diferenciar comunidades.

Em espaços mais urbanos, a disseminação de ideologias midiatizadas pela indústria da cultura e pressões constantes ao consumo, formulam associações mais heterogêneas, contrapartida disso, percebe-se que a vida em comunidade, pela homogeneidade da associação e pelo distanciamento desta ação midiática que estimula o consumo, conserva compostos mais tradicionais.

Atualmente contudo, com o avanço dos meios de comunicação e incrementos tecnológicos, este caráter tradicional sofre interação com espaços globalizados, modificando características originais e supondo outros tipos de associações, tais como, as virtuais, de consumo, de cultura, entre outras.

Desde análises weberianas, também tomadas por Kalberg (2010), a partir do século XIX, elementos externos à vida comunitária a expõe às fragilidades ambientais.

Nas reflexões de Bauman (2012) e Redfield (1989), tais influências são descritas claramente, e nos fazem perceber o quanto contextos ideológicos e estruturais, constituídos pelo paradigma dominante da sociedade, fraturam àqueles que definem formas de vida mais limitada,.

Neste tema, ou seja, comunidades tradicionais e suas transformações face as externalidades do mundo moderno, podem ser destacadas àquelas comunidades compostas historicamente no

interior do país, desde o inicio do século XX, relacionadas à políticas de povoamento das áreas rurais.

Nesta miríade de combinações, podemos apontar faxinais, quilombos, tribos, hippies, religiosos, colônias, famílias, jovens, comunas, sem terras, sem teto, agricultores, ortodoxos, camponeses, e mais outras e outras, diversas cada uma em si e de outras.

Para uma contextualização que caracterize o objeto de estudo deste trabalho, comunidades tradicionais, aspectos gerais sobre o termo e uma composição das reflexões conceituais de Redfield (1989), Bauman (2012) e Weber (2002, 1996), devem ser suficientes, muito embora nem perto de completos, para o entendimento necessário da proposta de pesquisa aqui encaminhada.

No verbete do dicionário virtual (Significados, 2011) comunidade é "substantivo feminino usado em sentidos diversos. É um grupo local, de tamanho variável, integrado por pessoas que ocupam um território geograficamente definido e estão irmanados por uma mesma herança cultural e histórica".

Podem, segundo Redfield (1989), ter uma dimensão tribal, ou rural, constituída como e, a parte de uma sociedade maior, mas com associação muito íntima, por grupos de origem igual e baseados em uma solidariedade de base religiosa, em grande partes das vezes.

De forma geral, na definição de Redfield (1989) o modelo ideal se caracteriza pela composição fechada, sem interferências de variáveis que possam transformá-la em outra forma, que não seja a historicamente concebida, cultuada pelas tradições e crenças.

Neste sentido, ainda Redfield (1989) a define pelo grupamento distinto de outros, com limites sempre ao alcance de visão dos seus integrantes e autossuficiência, de modo a compor atividades coletivas, atendendo autonomamente a necessidade conjunta.

Na modernidade, Segundo a visão de Bauman (2012), se refere a uma visão ideológica, que se distância das ideologias recorrentes. O mesmo Bauman (2012), confere ao individuo uma necessidade de segurança, familiaridade e pertencimento de um todo, maior que tal individualidade, reforçando o "nós" e se estranhando do "outro". Para o autor, a "identidade" se perpetua em renegar a individualidade em nome de uma estrutura maior, adaptada para satisfazer as necessidades de cada um.

Essa totalidade dos membros é indispensável no coletivo, e Bauman (2012) é taxativo em alertar que cada movimento, no sentido de desfazer essa associação, pode em várias medidas fraturar o sentido geral, ou até mesmo desfazê-lo, de modo a não poder ser retomado.

Quando tomada finalmente a visão de Weber (2002, 1996), que entende a comunidade a partir de uma composição patrimonialista, tradicional e relacionada a laços socialmente estreitos, como os da família, os costumes arraigados e os perpetuados por crenças religiosas, sem que sofram, na sua ação social, influências de elementos externos, podemos finalmente compor a ideia central de comunidade.

De modo objetivo, a comunidade tradicional, associando o conceito de Weber (2002, 1996), aos de Redfield (1989) e Bauman (2002), é representada por grupos que se distanciam geográfica e culturalmente da sociedade maior, a fim de construir suas formas de vida e relações de modo particular, pelas tradições historicamente concebidas.

As bases de solidariedade que compõe esta caracterização de comunidade, tendo como referência as teorias descritas, são definidas pela tradição familiar, a convivência homogênea, os interesses coletivos convergentes e a interação religiosa, descritos por Redfield (1989), Bauman (2012) e Weber (1996, 2002).

Também está claro em tais autores, que esta concretude se estabelece pela integração entre os membros da comunidade e pela indiferença subjetiva que percebem por elementos externos à sua cultura. Qualquer efeito distinto a essas bases vai ser sentido pela comunidade, e sua reação a eles será tomada pela intensidade dos efeitos causados, desde a indiferença total, até a dissolução de características comunitárias a ponto de se tornar irreversível a orientação original.

Bauman (2012), nesse sentido reforça que a comunidade se constrói na base de interesses coletivos convergentes, em uma fuga dos elementos agressivos e pela, contudo faz manifestar como evidentes que se tais condições não se configuram, os sujeitos em comunidade recorrem a sua condição de indivíduos, favoráveis às mudanças decorrentes do mundo exterior.

No caso deste estudo, a comunidade é Itapará, no município de Irati- PR. Suas bases de solidariedade, tem origem religiosa e de nacionalidade, respeitando tradições do povo ucraniano, imigrante para a região na década de 1910.

Irati, é um município situado a sudeste do estado do Paraná (IBGE, 2018), com cerca de 60 mil habitantes, mescla de diferentes etnias, tais quais, poloneses e ucranianos.

Itapará, segundo Orreda (1972), tem seu marco histórico na alocação de imigrantes, entre 1908 e 1913. Neste período cerca de 200 famílias foram conduzidas para a localidade.

O nome Itapará tem origem na linguagem indígena, significando “pedra que brilha”, pela beleza de uma de suas cachoeiras, localizada na parte mais central do distrito.

O distrito de Itapará é constituído de oito localidades, Pinheiro Machado, Linha Campina Branca, linhas B, D e E, Iratizinho, Água Mineral e Cadeadinho.

Nos anos de 1950, se constitui a sede religiosa, com a Paróquia Ucraniana da Assunção de Nossa Senhora, e pouco mais tarde a principal festa da comunidade, a Romaria Penitencial de Itapará, atualmente na sua 22ª edição. O evento é ápice do encontro religioso comunitário, onde cerca dois mil romeiros se congregam a aproximadamente quinhentos habitantes de Itapará.

Itapará foi baseada na economia agropastoril, com agricultura familiar e pecuária de subsistência, mas atualmente se converteu em agricultura extensiva, com cultura de fumo e commodities agrícolas.

Este trabalho, inserto ao projeto de pesquisa que investiga a solidariedade que mantém esta comunidade tradicional, busca também entender quais são os fatores determinantes para transformações sociais.

Objetivos

Tomada a comunidade tradicional, Itapará, e considerando bases e manifestações que estabelecem a solidariedade deste composto social, parece importante entender quais as influências do paradigma dominante, capitalista, neoliberal e burocratizado, que podem ser consideradas pressões transformadoras desta solidariedade, a ponto de fraturar as características comunitárias originais, e analisar se tal ruptura ocorre de forma parcial ou total. Neste sentido o trabalho apresenta seguintes objetivos:

Objetivo Geral: Investigar as transformações em uma comunidade tradicional, tomadas como referência as bases e manifestações da solidariedade comunitária, quando pressionada por outras bases e manifestações de solidariedade, impostas pelo paradigma dominante.

Objetivos específicos:

- ✓ Caracterizar Itapará, em Irati-PR, como comunidade tradicional.
- ✓ Descrever bases e manifestações da solidariedade que mantém tal comunidade.
- ✓ Investigar as interações da comunidade, com efeitos externos oriundos do paradigma dominante.
- ✓ Relacionar formas de agir dos sujeitos, tomadas características comunitárias versus efeitos externos.

Metodologia

A estratégia de pesquisa teórico/empírica tem caráter exploratório, qualitativo e de natureza indutiva. Este desenho metodológico é produto da investigação de transformações em uma comunidade tradicional e sua abordagem epistemológica é interpretativista.

Como observam Bryman e Bell (2003), a estratégia qualitativa é apropriada em estudos que exigem profundidade teórica e explanação dos fenômenos. A natureza indutiva justifica-se em função da interação dinâmica entre os resultados empíricos e a teoria selecionada (Bryman e Bell, 2003). Apoiado na visão de Burrel e Morgan (2008), estudos interpretativistas, definem a construção do conhecimento durante o processo empírico.

O estudo alinha-se a uma perspectiva social e organizacional interpretativista, nos moldes propostos por Weber (2002). A seleção metodológica busca então, tanto o resgate de entendimentos esquecidos, como lança luz sobre formas de organização fundamentadas em bases alternativas, considerado a visão distinta sobre a solidariedade.

A coleta de dados se deu por observação não-participante (Richardson, 1999). Tal observação "in loco", se estabelece a fim de serem captados comportamentos no ambiente, eventos, objetos e expressões verbais, utilizados na análise do caso. Tal reconhecimento deve ser dirigido pelo pesquisador, de forma personalizada, para conter possíveis variáveis de sua participação.

Na observação, os depoimentos são coletados por meio das técnicas de história oral (Sebe, 2005; Zamboni, 2007) complementados com entrevistas semiestruturadas. A audição da história oral foca narrativas da memória alinhadas a técnica de observação, tomadas como produto de campo, compostas de histórias reais, confessionais e impressionistas, que na visão de Angrosino (2009) revelam o percurso dos sujeitos nas suas relações de intimidade com o processo e relatadas de forma literária.

Essas características resultantes da sistematização da narrativa, de acordo com Sebe (2005) e Zamboni (2007), favorecem o entendimento do sentido subjetivo da narração e estão organizadas de forma a compor riqueza e potencialidade no cruzamento de memórias individuais às memórias coletivas, tomadas nos "lugares de memória", como reforça Zamboni (2007).

Resultados.

Seguindo a proposta metodológica, dez entrevistas realizadas no campo produziram ilações gerais, que estão descritas de forma discursiva. Considerando bases de solidariedade

apontadas de forma indutiva, as observações e análises, tiveram como referência dois eventos em particular, a festa religiosa que caracteriza a comunidade e a atividade econômica que move o distrito.

Da festa anual da Romaria Penitencial de Itapará, se inferem as bases originais da solidariedade, quais sejam, a tradição familiar, a convivência homogênea, os interesses coletivos convergentes e a interação religiosa. De outro lado, a atividade econômica, de orientação agropastoril, expõe as influências impostas pelo paradigma dominante, onde as bases de solidariedade são acumulação de capital, eficiência técnica e orientação para o mercado (Marx, 2006; Weber, 2002).

A Romaria é uma festa religiosa que mobiliza toda a comunidade, ocorrendo no terceiro domingo da quaresma católica. Seu planejamento dura aproximadamente três meses, antecedentes ao dia da festa, concebido e executado pela população do distrito, religiosos e agentes públicos.

A organização tem base colaborativa, com coordenação central do pároco de Itapará, e perto de cem voluntários, responsáveis pelas atividades antes, durante e após a festa.

A autogestão na realização do evento caracteriza a convivência homogênea, interesses convergentes e interação religiosa. A tradição familiar se revela nos grupos que compõe a equipe, famílias espalhadas pelo distrito, e que se compuseram historicamente no decorrer da vida comunitária no último século. Considerando uma estruturação intencional na coleta de narrativas, os nomes de famílias se repetiram a cada entrevista.

A convivência homogênea ainda se destaca no reconhecimento dos acordos efetivados para realização da festa. Todas as famílias tinham integrantes voluntários, contudo não na sua totalidade. Alguns membros foram intencionalmente selecionados para manter cuidados com a segurança de suas casas, patrimônio e atividade econômica da propriedade.

Os interesses convergentes, são identificados de acordo com as habilidades de cada sujeito. As tarefas consideraram práticas tradicionais familiares, de modo que setores como cozinha, preparação de eventos e cerimonial religioso, mantivessem características comuns. No caso de atividades gerais, tais como, serviços aos visitantes, transporte, segurança, divulgação, vendas diversas e preparação das estruturas, foram distribuídas dentre as famílias associadas na programação da festa.

A interação religiosa é a base que mais se destacou nas narrativas, sendo percebida a culturas ucraniana, refletindo costumes e crenças mantidos para a festa, tanto quanto a organização da celebração religiosa.

Quando as narrativas refletem as atividades econômicas investigadas, são percebidas disfunções que assolam e ameaçam a manutenção da comunidade tradicional, tanto em suas bases de solidariedade, quanto em sua densidade populacional e atividade nas propriedades.

Para indicar esse contexto econômico atual, é importante ressaltar que a atividade agrícola atual não àquela desenvolvida na década de 1960. No passado a cultura agrícola e pecuária tinha uma dinâmica voltada para a subsistência, considerando clima e sazonalidades. Decisões de plantio e criações eram para o atendimento das famílias, o excedente trocado entre famílias e, em último caso, dispensado para comercialização externa.

A mão de obra era própria, sendo que toda a família tinham tarefas definidas. Eventualmente , por uma necessidade maior de trabalho da família, havia uma interação entre vizinhos, que promoviam o "dia de troca", ou seja, o trabalho de outras famílias era emprestado à família necessitada, e o que saldava esse trabalho, era também trabalho, na primeira oportunidade em que as famílias cedentes tivessem excesso de trabalho em suas propriedades.

Outra atividade comunitária característica era o "mutirão". Nesse caso os empreendimentos coletivos, criação e abate de víveres para estoque de alimentos, reparos, construção e manutenção das vias de acesso, ou ainda, instalações comunitárias na paróquis, eram selecionados conjuntamente.

Com o passar do tempo essas composições de trabalho colaborativo tem perdido força e coesão. Tais disrupções estão relacionados preponderantemente com a mudança da atividade econômica, influenciada pelas bases e manifestações da solidariedade que move o paradigma social dominante.

Dentre tais motivos desta mudança, alguns são considerados naturais ao desenvolvimento social, e podem ser destacados como, a redução da taxa de natalidade, a níveis de crescimento vegetativo; o êxodo parcial das famílias, especialmente jovens; desinteresse pela cultura original; face a manifestações culturais massivas; e miscigenação natural na formação de novos núcleos familiares.

Outros motivos contudo, decorrentes de fatores externos à comunidade, provocam mudanças sensíveis e rápidas nas práticas sociais, tais como, substituição dos procedimentos técnicos para a atividade agropastoril; depondo a agricultura de subsistência; alterações no plantio; concentrando os itens escolhidos àqueles com rentabilidade financeira; redução das culturas próprias, sendo que tais produtos passam a ser adquiridos em centros de varejo; enfraquecimento econômico das famílias, que não dispõe de meios de produção para a nova

lógica produtiva; influência dos meios de comunicação; propagando novas práticas econômicas; atuação de agentes, diretos e indiretos, de produção; com interesses econômicos particulares, tais como indústrias, atravessadores e instituições financeiras; e reformulação dos fatores de produção; destacando novas tecnologias de trabalho e instalações, cessão integrada das propriedades, relações sem vínculo direto e ampliação vertiginosa dos elementos de mercado.

As tradições seminais e seculares, mesmo resistentes, sofrem pressão constante de fatores modernizantes, reduz sua capacidade e tendendo a uma dissolução da comunidade tradicional.

Neste contexto, em que as ações comunitárias, tais como as festas típicas, são pressionadas por outras mais gerais, como a influência externa na atividade econômica, é de se esperar que a solidariedade que sustenta a comunidade seja fraturada pela solidariedade que compõe o paradigma dominante.

Conclusões

Quando investigadas bases e manifestações da solidariedade social e organizacional, e consideradas organizações não convencionais ao paradigma dominante, cujas características são acumulação de capital, eficiência técnica e orientação para o mercado, pode se afirmar que estas organizações se constituem por outra solidariedade, orientada então por bases e manifestações distintas.

Nesta diversidade organizacional, as comunidades tradicionais, constituídas historicamente e com significantes muito particulares, podem ser caracterizadas como não convencionais.

A sociedade moderna, e a ação opressora de suas instituições basilares, tem a cada tempo e o tempo todo, influenciado fortemente todos os compostos sociais não regulados por seus paradigmas dominantes, provocando cisões e enquadramento nestes, e massificando a sociedade em um único estereótipo social.

A comunidade tradicional investigada, é nível de análise em que se pode constatar a afirmação acima, pois suas bases e manifestações da solidariedade original, são depostas em função daquelas que compõe a sociedade movida pela dominação moderna, ou quiçá, modernista!

Referências

Angrosino, M. e Flick, U. (2009). **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed.

Bauman, Zygmunt, (2012). **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.** tradução Plínio Dentzien. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Bendix, Reinhard (1962). **Max Weber: An Intellectual Portrait,** Nova York, Doubleday. P. 360.

Bryman, Alan and Bell, Emma. (2003). **Business research methods**. Oxford: Oxford University Press, New York.

Burrel, G and Morgan, G. (2008). **Sociological paradigms and organizational analisys**. London: Arena.

Kalberg, Stephen. (2010). **Max Weber: uma introdução**. Rio de Janeiro. Zahar.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2018). **Dados populacionais**. Brasilia: acessado em 10/05/2018.

Marx, Karl. (2006). **O Capital: crítica da economia política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Livros I, II e III.

Orreda, José Maria. (1972). **Irati**. Irati: Volume I, Ed. Edipar.

Redfield, Robert. (1989). **Little community and peasant society and culture** –Chicago: University of Chicago Press.

Richardson, Roberto Jerry. (1999). **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3.ed. São Paulo: Atlas.

Sebe, José Carlos B. M. (2005). **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola.

Weber, Max. (1996). **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília-DF: Editora UnB.

Weber, Max. (2002). **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo; Martin Claret.

Zamboni, E. (org). (2007). **Digressões sobre o ensino de história: memória, história oral e razão histórica**. Itajaí: Maria do Cais.